

A RESSOCIALIZAÇÃO PELA LITERATURA: um discurso pela liberdade

RESUMO:

O poeta, romancista, tradutor e muito mais, Marco Lucchesi, veio à UniBrasil lançar seu livro “Sphera”, definido como uma obra de alquimia do verbo. E proferir palestra sobre Literatura e Liberdade, em que parte de algo em que acredita desde menino, que literatura liberta; crença que se fortaleceu após troca de cartas com um presidiário, e que perpassa sua obra.

ARTIGO:

Em setembro deste ano, recebemos em Curitiba o ilustre membro da Academia Brasileira de Letras, Prof. Dr. Marco Lucchesi. Com a temática da Liberdade e Literatura, por meio de uma exposição descontraída, mas não por isso menos erudita, apresentou as ideias construídas a partir de vários estudos, a respeito da literatura como um instrumento de ressocialização do apenado.

Partindo da ideia de que a justiça não pode ser um instrumento de vingança, dividiu suas experiências e foi categórico ao afirmar que a literatura, o afeto e o comprometimento das pessoas podem realmente fazer a diferença, dentro de um sistema prisional essencialmente segregador e marginalizante.

Partiu da premissa histórica de que as prisões e os manicômios sempre foram os últimos lugares da sociedade, verdadeiros depósitos de pessoas. Relatou que um dia recebera uma carta de um apenado lhe pedindo livros. Ficou impressionado com o pedido inusitado, já que tinha uma percepção diferente do que realmente acontecia dentro da penitenciária.

Descobriu que os apenados não só gostavam de ler, mas que também realizavam concursos mensais sobre determinados autores. Dividiam-se em leitores seniores, intermediários e iniciantes. O que menos importava era a premiação. Com tal iniciativa, acabavam também alfabetizando os apenados que não possuíam qualquer instrução.

Recorda-se que na carta, muito bem redigida por sinal, havia apenas uma exigência, não poderiam ser livros didáticos, mas sim livros literários.

Isso fez com que o Lucchesi se interessasse e fosse a fundo no papel da literatura para aqueles que se encontram segregados da sociedade. Consequentemente, não só as prisões foram objetos de estudo, mas os manicômios judiciários também.

Foi quando seu caminho cruzou com os da dra. Nise da Silveira, que descobriu a literatura como uma chave de construção do seu próprio processo de individuação.

A dra. Nise possuía métodos próprios, recusava-se a utilizar os métodos usuais e agressivos da psiquiatria clássica – internação, eletrochoques, insulino-terapia, lobotomia e utilização indiscriminada de medicação.

Foi deslocada, então, para o setor de Terapêutica Ocupacional, local visto pelos médicos como “pouco nobre”, onde os pacientes faziam apenas serviços de limpeza.

Foi nesse local que a dra. Nise iniciou sua grande revolução. Criou um espaço em que os pacientes internos eram recebidos num ambiente acolhedor e respeitoso. Organizou ateliês para vários tipos de atividades: música, modelagem, pintura, teatro, encadernação, dentre outros. Nos ateliês, os pacientes eram acompanhados por monitores, que não interferiam em sua produção.

Nise olhava para aqueles pacientes de forma diferente da psiquiatria tradicional. Valorizava o contato afetivo, pois eram pessoas que estavam sofrendo muito, já que tinham rompido o seu contato com a realidade e “mergulhavam”, sem nenhuma proteção, no inconsciente. Através do acolhimento e do respeito procurava possibilitar o caminho de volta para a realidade e a recuperação da autonomia perdida.

Em 1952, a Dra. Nise fundou o Museu das Imagens do Inconsciente, um acervo com os preciosos trabalhos criados nos ateliês da STOR: pinturas, desenhos e esculturas. O Museu também era um centro de estudo e pesquisa dessas obras. Por meio desse trabalho introduz a psicologia junguiana no Brasil.

Alguns anos mais tarde, em 1956, mobilizando um grupo de pessoas motivadas pelas mesmas ideias, a Dra. Nise realizou mais um projeto revolucionário para a época: a criação da Casa das Palmeiras, que, na visão de Lucchesi, era um lugar intermediário entre um hospital psiquiátrico e um manicômio.

O objetivo da Casa das Palmeiras era o de ser um local em que os egressos dos manicômios poderiam, gradualmente, recuperar a autoestima e a independência, através de diversas formas de expressão criativa e do convívio com profissionais que tinham uma postura de respeito e cuidado.

A Dra. Nise orientou o trabalho desenvolvido na Casa das Palmeiras, sempre enfatizando a importância do contato afetivo e da expressão criativa para a recuperação das pessoas ali atendidas.

De fato, toda essa experiência levou à constatação de que a literatura tem um papel fundamental na recuperação das pessoas. Contudo, segundo o pensamento de Lucchesi, o objetivo principal não é criar bibliotecas e abarrotar as penitenciárias de livros até não sobrar mais espaço para os presos, mas unir esforços para pensar em uma solução para que a pena possa ter seu caráter repressor do crime, que especialmente possa levar o apenado a conhecer e refletir sobre sua conduta e planejar seu retorno à sociedade.

Com a exposição, restou uma injeção de ânimo para os presentes, de que basta nos libertarmos dos métodos antigos, nos reinventarmos e estabelecermos métodos alternativos, buscando na literatura uma forma criativa do encarcerado conhecer o mundo, por meio do conhecimento e mudar o sistema posto.

AUTORES:

Carlos Eduardo Dipp - Professor do Curso de Direito das Faculdades Integradas do Brasil – UniBrasil.

Michelle Hartmann - Professora do Curso de Direito das Faculdades Dom Bosco.